

Imagens da África no cinema: o potencial da mídia no ensino de história

Felipe, Delton Aparecido; Teruya, Teresa Kazuko

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Felipe, D. A., & Teruya, T. K. (2009). Imagens da África no cinema: o potencial da mídia no ensino de história. *ETD - Educação Temática Digital*, 11(1), 96-122. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-71048>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Imagens da África no cinema:
o potencial da mídia no ensino de história*

Delton Aparecido Felipe
Teresa Kazuko Teruya

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura crítica do conteúdo de dois filmes que abordam o preconceito racial. Foram selecionados os filmes: *Um grito de liberdade* e *Sarafina o som da liberdade*, como fonte de pesquisa. O objetivo é investigar os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da África, a fim de propor uma metodologia de análise fílmica, com base nos Estudos Culturais. De que maneira o cinema, ao mostrar os conflitos sociais gerados pelas leis raciais, pode contribuir para formar professores mais preparados e capazes de lidar com o racismo e o preconceito na sala de aula? No espaço escolar, esses filmes analisados na perspectiva de Douglas Kellner, Michel Foucault e Stuart Hall, podem ampliar a nossa compreensão sobre a lógica da dominação pela segregação racial e contribuir para mobilizar ações de valorização e de reconhecimento da história e cultura africana e afro-brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Mídia na educação; *Apartheid*; Estudos culturais; Ensino de História

* Uma parte desse artigo foi apresentada no 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, junho 2007, VII Seminário Mídia, Educação e Leitura, com o título: *Cultura africana no cinema: leitura crítica da imagem do racismo na formação de professores*.

Images of Africa in the movies:
the potential of media in history teaching

ABSTRACT

This article presents a critical reading of the contents of two films dealing with racial prejudice. Were selected films: Um grito de liberdade and Sarafina o som da liberdade, as source of research. The goal is to investigate the cultural, economic, social and political in Africa, to propose a methodology of film analysis, based on Cultural Studies. How does the film by showing the social conflicts generated by the racial laws, can help to train teachers better prepared and able to deal with racism and prejudice in the classroom? At school, the films from the perspective of Douglas Kellner, Michel Foucault, Stuart Hall, may enhance our understanding of the logic of domination by racial segregation and help mobilize actions for recovery and recognition of African history and culture and African-brazilian.

KEYWORDS

Media in schooling; Apartheid; Cultural Studies; Teaching history



INTRODUÇÃO

O preconceito racial ou racismo é uma convicção de cunho ideológico de um determinado modo de pensar que atribui grande importância à existência de raças humanas distintas, sendo umas superiores às outras. Nessa perspectiva, há uma crença generalizada de que os indivíduos herdam o caráter, determinadas características físicas, cognitivas e culturais que identificam uns como superiores e outros como inferiores. A discussão sobre o racismo na educação escolar e como ele se manifesta nas sociedades, pode contribuir para melhorar o relacionamento no ambiente escolar. Nesse sentido, propomos analisar dois filmes: *Um Grito de liberdade e Sarafina – O som da liberdade*¹, como fonte de pesquisa com base nos Estudos Culturais.

Neste artigo, abordamos primeiramente as contribuições do cinema na prática pedagógica, como fonte a ser explorada na educação escolar. Em seguida, contextualizamos os dois filmes em seu momento e tempo histórico para analisar os discursos que perpassam tanto no período histórico quanto na narrativa fílmica. Por fim, analisamos as contribuições das fontes imagéticas sobre o preconceito racial para o ensino de história e cultura africana e afro-descendente.

O CINEMA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Atualmente não se pode negar a influência exercida pela mídia em nossa vida diária. Afinal, vivemos na *era midiática*. No mundo urbano, estamos cercados de mensagens midiáticas, no lar, nos cinemas, nas ruas, nas vitrines de lojas e em outros ambientes. A leitura crítica da mídia requer uma análise do discurso midiático que é moldado pelo discurso dominante cujo interesse está focado na perpetuação da estrutura social vigente. As

¹ O filme *Sarafina* foi objeto de análise de uma pesquisa de iniciação científica intitulada: *Imagens da África do Sul no cinema: contribuições da análise fílmica no ensino de história*, realizado por Delton Aparecido Felipe, sob a orientação de Teresa Kazuko Teruya, no período de março de 2006 e fevereiro de 2007.



mensagens midiáticas carregam em si elementos que colaboram para construir e desconstruir opiniões, comportamentos sociais e identidades. (TERUYA, 2006).

A linguagem cinematográfica, no processo de ensino e de aprendizagem, pode colaborar com uma prática questionadora dos padrões estéticos da sociedade e dos discursos dominantes. Kellner (2001) diz que um dos principais temas debatidos sobre a mídia é a sua capacidade de induzir os indivíduos a se identificarem com as ideologias e as representações sociais dos dominantes, porém tratar da mídia apenas como instrumento de dominação e de alienação do público seria limitar a potencialidade que os recursos midiáticos podem oferecer para uma nova lógica da construção do conhecimento.

Os filmes são produzidos em um universo cultural repleto de ideologias formadoras de opinião. O cinema como meio propagador de idéias políticas, econômicas e sociais, pode ser um veículo eficaz no processo de massificação e consolidação de ideologias que se sustentam em uma lógica da aparência representada por sucessivas imagens em movimento (TERUYA, 2006).

Nessa mesma linha de pensamento, Turner (1997) argumenta que as idéias e as representações sociais veiculadas no cinema tendem a esconder dos homens a maneira como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. É justamente esse ocultamento da realidade social que podemos chamar de Ideologia. O poder político e econômico de um grupo social legitima as condições sociais de exploração e de dominação, de tal forma que parecem verdadeiras e justas.

O filme ao ser utilizado como fonte de estudo ou como ferramenta pedagógica permite visualizar a construção de uma sociedade multirracial, mas para isso é preciso trabalhar em uma perspectiva crítica. O registro das ações humanas, representadas na tela, precisa ser decodificado e interpretado, muitas vezes, desconstruídos, porque o filme traz um discurso, uma representação do real que geralmente estão eivados de ideologias.



Thompson (1998) ressalta a necessidade de uma análise sociológica da produção midiática. No decorrer do século XX, os produtores de filmes atuaram como instrumento eficaz no processo de massificação de uma ideologia norteadora do *Status quo* de grupos dominantes. Nesse sentido, o cinema contribuiu para disseminação da cultura hegemônica como um dos instrumentos de homogeneização cultural.

O glamour impregnado nas imagens espetaculares, especialmente dos filmes hollywoodianos difundidos no Brasil, reforça o estereótipo do que é ser belo, do que comer, de como se vestir e do que falar. Ao incorporar os padrões idealizados pela mídia e hierarquizar as culturas, a sociedade tende a marginalizar aqueles que não se adaptam a este padrão de comportamento oriundo das camadas dominantes, ao mesmo tempo Hollywood também produziu filmes que abordam temas relativos aos grupos marginalizados, por exemplo: negros, asiáticos e latinos. A indústria do cinema percebeu a existência de um grande público voltado para essas temáticas. Afinal, a indústria da mídia busca obter sucesso de público para as suas produções culturais, pois o seu objetivo principal é a obtenção de lucros com a produção cinematográfica. Esse fato está diretamente ligado com o sucesso de vendas nas bilheterias.

Neste trabalho, propomos refletir sobre a seguinte questão: de que maneira o cinema, ao mostrar os conflitos sociais gerados pelas leis raciais impostas à África do Sul (1911-1991), pode contribuir para formar professores mais preparados e capazes de lidar com o preconceito racial em sala de aula? Para realizar essa tarefa e com o intuito de desconstruir os discursos dos dominantes, selecionamos dois filmes: *Um grito de liberdade* (1987) e *Sarafina - o som da liberdade* (1993), como fonte de pesquisa da história e cultura africana, a fim de propor uma metodologia de ensino aos professores que atuam na educação básica. O filme *Um grito de liberdade* foi produzido nos Estados Unidos, dirigido por Richard Attenborough. Retrata a vida de um líder político que lutou contra o regime do sistema



*apartheid*¹ na África do Sul, Steve Biko, interpretado por Denzel Washington e sua amizade com o jornalista Donald Woods interpretado por Kevin Kline.

Sarafina: o som da liberdade, o outro filme, também é uma produção norte americana, dirigida por Darrel Roodt com duração de 116 min. Seu enredo enfoca o contexto do sistema *apartheid* na África do Sul. A escolha destes filmes se justifica porque, ao retratar a história da população negra sul-africana, traz imagens e mensagens significativas que sustentam o discurso dos dominantes. Com base nos Estudos Culturais, propomos analisar as imagens da África na linguagem cinematográfica. Nesta perspectiva, os autores como Douglas Kellner (2001), Stuart Hall (1997), John Thompson (1998) e a contribuição de Michel Foucault (2003) são relevantes para compreender a lógica da dominação pela segregação racial.

Os filmes propostos para análise narram o contexto do sistema *apartheid* na África do Sul, período em que a minoria branca, residente naquele país, impôs sua dominação para manter o poder sobre os grupos sociais constituída pela população negra. A elite branca instituiu leis na Constituição do povo sul-africano que legitimou a segregação racial entre brancos e negros durante 75 anos naquele país.

FILME: UM GRITO DE LIBERDADE

O filme *Um Grito de Liberdade*, lançado em 1987, conta a história de Steve Biko (1946-1977), um líder político negro que viveu na África do Sul e lutou por um país onde os diversos grupos sociais, independente de sua cor, fossem respeitados e que o seu povo tivesse orgulho de ser negro e de seu país. Seu enredo visualiza os danos causados pelo ódio e pelo preconceito racial durante o período do sistema *apartheid* na África do Sul. Já na primeira cena, o filme mostra uma favela africana, onde os soldados brancos invadem, reprimem, violentam e destroem tudo no local, expulsando os negros com muita hostilidade e pancadaria.

²*Apartheid* significa separação na língua africâner, criada no século XVII pelos holandeses que colonizaram a África do Sul.



O roteiro desse filme apresenta um povo negro sul africano, subjugado pelos colonizadores holandeses e ingleses. Contém imagens que nos permite extrair uma análise sobre o racismo legalizado. A partir desta narrativa, procuramos desconstruir os discursos que sustentam o preconceito racial em nossa sociedade, a fim de oferecer uma contribuição histórica e metodológica de análise do cinema como uma fonte de pesquisa histórica.

O colonizador branco europeu usou diversas estratégias para ocultar e destruir a cultura do povo nativo, a fim de inculcar a superioridade do grupo social composto por brancos e sua cultura, como forma de manter oficialmente o regime do sistema *apartheid* baseado na discriminação racial. Em vários momentos do filme, Steve Biko elabora uma série de ações e estratégias para lutar contra os métodos de opressão dos grupos dominantes que gerenciaram o sistema *apartheid*. Uma das estratégias contra os vários métodos disciplinares impostos pelo sistema para subjugar a população negra sul-africana era combater a idéia de superioridade da raça branca européia em relação à raça preta africana. E em nome dessa superioridade, o branco exercia uma função civilizadora da raça superior sobre a raça inferior, mesmo que para isso fosse necessário usar o aparato repressivo do Estado que oficializou a segregação racial.

Para combater o discurso dos grupos dominantes que relegava a população negra o direito de ser cidadão em sua própria cidade, Steve Biko via a necessidade de valorizar a cultura do nativo sul africano e, em 1973, fundou o Movimento de Consciência Negra na África do Sul. Por meio de palestras e divulgação de panfletos, Biko e sua organização, tentavam despertar no povo sul africano o “orgulho negro”, mesmo diante da opressão do sistema *apartheid*.

Biko (1990) argumentava que a Consciência Negra é, em essência, a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – a negritude de sua pele – e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua. Procura comprovar a mentira ideológica difundida pelo branco europeu de se considerar o negro com uma aberração do “normal”. A



introdução dessa ideologia preconceituosa induz o negro fugir de si mesmo para imitar o branco. A Consciência Negra é uma nova percepção de si mesmo, de acreditar em sua própria inteligência para buscar a liberdade de agir, pensar e preservar a cultura étnica, sem serem subjugados pelos brancos que se impõem como superiores.

O Movimento da Consciência Negra criou os Programas da Comunidade Negra que difundiu o conhecimento sobre a imposição política e ideológica conquistada pela força repressiva do poder econômico, a fim de conscientizar a comunidade negra e inserir um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, de seus sistemas de valores, de sua cultura, de sua religião e de sua maneira de ver a vida.

No filme, Biko argumentava que o povo só poderia se defender se aprendessem à língua do opressor, por isso propunha a alfabetização na língua inglesa e insistia na luta pela assistência médica e social. Mas esse movimento chamou a atenção das autoridades racistas e, em 1973, proibiram Steve Biko de se locomover pelo país. Foi condenado pelo sistema *apartheid* a ficar em prisão domiciliar e retornar à sua cidade natal na Província do Cabo, sendo proibido de falar com mais de uma pessoa. Além disso, não poderia escrever nada referente ao sistema *apartheid* e nem falar com imprensa, para que suas idéias não se espalhassem, pois segundo os grupos dominantes, o discurso de que os negros deveriam ter orgulho de quem são, poderia inspirar a tentativa de revolta na população nativa sul africana.

Mesmo na prisão domiciliar, Biko não deixou de lutar contra o sistema *apartheid*, transgrediu por várias vezes sua condenação, foi aos comícios e difundiu para a população negra as suas idéias. Em uma das cenas do filme: *Um Grito de Liberdade*, Steve Biko faz um discurso para uma multidão que estava em um campo de futebol:

“Biko: Nós vamos mudar África do Sul. O que temos que fazer é decidir qual é maneira de fazê-lo. Por mais zangados que tenhamos razão de estar, vamos lembrar que estamos nessa luta para matar a idéia de que um tipo de homem é superior a outro, e não dependemos do homem branco para matar essa idéia. Precisamos parar de esperar que eles nos dêem algo. Temos que preencher a comunidade negra com o nosso próprio orgulho.



Temos que ensinar a história negra às nossas crianças, contar lhes sobre os nossos heróis negros, nossa cultura negra, para que não encarem o homem branco achando que são inferiores. Assim nos igualaremos a eles da maneira que escolherem, que oponham se quiserem, mas com uma mão aberta, para que possamos construir uma África do Sul onde valha a pena viver. Uma África do Sul de iguais – negros e brancos -, uma África do Sul tão bela quanto esta terra, tão bela quanto nós somos.”

Nesse discurso mostra a intencionalidade do Movimento da Consciência Negra, liderada por Steve Biko. Um movimento pacífico que reivindicava melhor condição de vida para negros, o fim da discriminação racial e, acima de tudo, resgatar o orgulho de ser negro, mesmo diante de um sistema que lhes diziam ser o que há de pior em uma sociedade.

O filme narra as atividades de Steve Biko para mostrar à população negra a necessidade de se elevar a auto-estima e suscitar o orgulho de ser negro, porque ninguém poderia fazê-lo para eles. Biko tinha plena consciência da importância do negro conhecer a condição imposta pelo sistema *apartheid*, pois só a partir da conscientização política do povo, haveria uma possibilidade de promover mudanças. Mas o sistema opressor avistava um perigo iminente nas suas idéias se elas fossem disseminadas entre o povo oprimido, por isso o tribunal dirigido pelos brancos, colocou Biko no lugar do réu para tentar deter o avanço de suas idéias. Destacamos do filme, um trecho do discurso do réu dirigido ao juiz:

“Biko: Milorde, os negros têm consciência da miséria que sofrem, e do que o governo está lhes fazendo. Queremos que parem de aceitar essa miséria, queremos que eles o confrontem, as pessoas não devem ceder às misérias da vida, devem achar uma maneira, mesmo nesse ambiente, de nutrir a esperança, esperança para si mesmo, esperança para esse país. Acredito que seja isso que a consciência negra se refere, sem nenhuma referência ao homem branco, nos conscientizar de nossa própria humanidade, nosso lugar legítimo no mundo.”



Steve Biko quis mais do que qualquer coisa o fim do regime do sistema *apartheid* na África do Sul. Ele estava disposto a fazer um acordo político arranjado e denominado como a integração, em que os grupos viventes dentro da comunidade sul africana pudessem ser respeitados e fossem contemplados com os mesmos direitos constitucionais. Para isso, era necessário construir novos saberes, em que os negros não fossem retratados como menos valorizados que os brancos.

No decorrer do filme, Steve Biko encontra-se com Donald J. Woods, um editor chefe de um jornal sul-africano, que entra em contato com a cruel realidade vivida pela população nativa. Na companhia de Biko, o jornalista Woods conhece o outro lado do país, oposto ao estilo de sua vida de classe média alta, morando em uma casa com piscina e empregada doméstica negra. Os dois seguem para o gueto, no qual a fome e os crimes contracenam com a alegria dos bares e das músicas típicas da população negra sul-africana. Ao chegar ao gueto, Biko tenta mostrar a Woods como é difícil para os negros viverem sobre as regras do sistema *apartheid*, por causa da opressão dos brancos e da negação da cultura do negro. Na cena em que Steve Biko visita um gueto de negros na África do Sul junto com Woods, ao avistar um menino correndo ele diz:

“-Biko: corra filho, corra. Já é um milagre que uma criança sobreviva. A maioria das mulheres quem tem permissão para o trabalho é doméstica, por isso só vêem os filhos umas duas horas no domingo.

“-Biko: se correr bastante, se sobreviver nestas ruas e casas, você só consegue a educação que homem branco lhe der; daí você vai à cidade para trabalhar ou fazer compras e vê as casas deles, seus carros e começa a sentir que há algo de errado com você, com sua humanidade algo a ver com a sua negritude. Não importa quão estúpido ou inteligente o branco é ele nasceu naquele mundo. Mas você, criança negra? Inteligente ou estúpida, você nasceu nesse mundo.”



O jornalista Donald Woods se une ao Biko na luta contra o racismo e a discriminação social, quando toma consciência da crueldade exercida pelo branco sobre a população negra sul africana. Mas o sistema opressor *apartheid* aplicou seus métodos disciplinares, conceito emprestado de Michel Foucault (2003), para calar a boca desse líder do Movimento da Consciência Negra que ameaçava o poder político e econômico do sistema opressor governado pelo branco de origem européia que compunha a classe dominante dessa época. Em 18 de agosto 1977, Steve Biko foi preso sob acusação de incentivar atos de terrorismo contra o governo da África do Sul. Na prisão, foi torturado pela polícia até morrer no dia 12 de setembro de 1977, causando grande comoção na população negra da África do sul.

Com a morte de Biko, Donald Woods vai até o necrotério e tira fotos para provar a real causa de sua morte, do qual os políticos brancos lamentaram uma morte causada por uma greve de fome na prisão. Por causa de sua adesão em favor do fim do sistema *apartheid* e tentativas de levar seu material para os Estados Unidos, o jornalista sofreu intimidações com ameaças e atentados contra a sua família. Foi banido e impedido de se comunicar com mais de uma pessoa por vez, sendo isolado em um cômodo de sua residência e vigiado pelos homens da lei, 24 horas por dia.

O filme *Um grito de liberdade* além de mostrar a cruel realidade imposta pelo sistema *apartheid* à população negra da África do sul, mostra também o sistema de repressão do Estado para *vigiar* e *punir* aqueles que não concordavam com as leis impostas e denunciavam as atrocidades cometidas pelos policiais a serviço do poder controlado pela elite branca a seus opositores.

De acordo com Leite (2003), no ambiente escolar, as imagens e as mensagens de um filme podem ser trabalhadas em uma perspectiva da desconstrução do chamado “padrão de ser” da camada dominante, já que o discurso da narrativa fílmica, por meio de suas falas que dão sentido as suas imagens, traz em si uma relação de poder. Foucault (1996) alerta:



Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, esquivar-se de sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.09)

Os discursos dos grupos dominantes naturalizam e identificam as culturas destes grupos como se fosse à cultura de toda comunidade. Este fato merece nossa reflexão, uma vez que estes discursos não contemplam, não reconhecem e, conseqüentemente, não respeitam a diversidade cultural constituinte de uma sociedade.

FILME: SARAFINA E O SOM DA LIBERDADE

Sarafina é uma adolescente negra que mora em Soweto, um bairro de Johannesburgo, capital da África do Sul, um dos inúmeros guetos reservados à população negra no período em que vigorou o regime *apartheid*. Esta adolescente vive uma série de experiências individuais e coletivas nos mais diferentes contextos de seu meio social e escolar; apesar de a escola ocupar um espaço importante na trama, o ambiente de convivência e aprendizagem de Sarafina não se restringe ao espaço escolar. Em seu cotidiano, ela expressa sua admiração pelo líder político Nelson Mandela, que se encontra preso naquele momento retratado no filme.

A história de luta de Nelson Mandela pelo fim do sistema *apartheid*, em defesa da igualdade de direitos e a conquista da liberdade do povo sul africano, é que Sarafina aprende a respeitar e admirar. Diante de uma foto deste líder pregada na parede de seu quarto, em uma pequena casa onde mora com a sua avó, tios e irmãos menores, ela brinca, conta história, tira dúvidas, fala das angústias e sonha com a mesma liberdade que esse líder negro sonhou. A personagem de Sarafina, no desenrolar da trama do filme, revela em vários momentos, na conversa com a foto de Mandela, o seu projeto de nação.



Sarafina sonha com uma África do Sul livre de toda a segregação racial, onde os homens e mulheres de todas as etnias respeitem as diferenças culturais para que possam conviver juntos, em uma sociedade justa e democrática. Ela defende o respeito entre os diversos grupos sociais independente de sua cor, religião e sexo.

Mandela não é a única fonte de inspiração para Sarafina. Em sua luta contra o regime *apartheid*, ela também vê em sua professora Mary Massambuko (Whoopi Goldberg) um exemplo a ser seguindo. Massambuko é uma mulher indignada com a submissão de seus colegas professores que não se opõem ao ensino controlado pelo sistema *apartheid*, baseado na história dos grupos de brancos que estão no poder. Ela começa a destacar em suas aulas de história, a realidade social de seus alunos. É uma professora que demonstra coragem ao permitir que a sua turma de jovens, ansiosos por conhecer a si mesmo e ao seu país, visualize uma história muito diferente da história sobre o povo sul africano do currículo oficial, a fim de desnaturalizar aquele conteúdo escolar obrigatório, que tem os brancos como protagonistas e negros como meros coadjuvantes.

Os alunos, com a orientação da professora Massambuko, usam a música como instrumento de luta para reivindicar uma educação que valorize os diversos grupos sociais e protestar contra o racismo e o segregacionismo racial. Eles tentam organizar um show para homenagear Mandela, um espetáculo que representa a valorização da história sul-africana, tendo negros e brancos como atores dessa história. Mas este projeto é interrompido bruscamente, porque o sistema vigente usa o seu poder para impedir a manifestação da professora Mary Massambuko e de seus alunos.

O filme contém cenas de violência praticadas por grupos dominantes, que utilizam o aparato policial para manter o sistema *apartheid* por meio de um discurso hierarquizador e impor uma ideologia da submissão, para reproduzir a ordem existente. É visível a desvalorização da cultura africana neste período e a imposição da superioridade branca pela força da lei para subjugar a maioria negra.



Neste contexto, as atividades de Sarafina e de outros jovens, tanto no ambiente escolar e quanto nas relações pessoais, vão se modificando com a consciência crítica que é manifestada na indignação da professora diante do ensino privilegiado pelo sistema *apartheid*. Sarafina se rebela, junto com os amigos. Em seguida, sofre as consequências da violenta represália policial.

Na prisão, Sarafina, além de sofrer sessões de torturas, ainda presencia a torturas de inúmeros jovens, que assim como ela sonhava com uma África do Sul igual para brancos e negros. Sarafina começa entender como o poder usado pelo grupo dominante impõe a idéia de que os negros sul-africanos são os transgressores quando não aceitam as regras impostas. Ela percebe que é necessário lutar pela construção de uma África do Sul livre, onde todos tenham liberdade de expressão, sem medo de ser punido. Por isso, ao sair da cadeia, Sarafina vê a necessidade de dar continuidade ao show que sua professora havia programado. Um show em homenagem a Nelson Mandela, naquele momento, representava a resistência contra um sistema violento e repressor, que dependia do aparato policial de opressão para a sobrevivência da estrutura social vigente. Na prisão, Mandela, com sua história de vida, conseguiu conquistar a simpatia de multidões, dentro e fora de seu país, por resistir ao sistema sem impor ao outro a violência.

Os grupos dominantes na África do Sul usaram todos os aparatos legais e não legais que possuíam para subjugar a população negra sul-africana ao sistema imposto pelos brancos. Seus discursos estão fundamentados em mentiras e distorções, para negar a igualdade de direito do povo sul africano sobre todas as riquezas existentes no país.

Segundo Althusser (1985), o Estado utiliza-se de dois tipos de aparelhos: os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE), como a polícia e o exército, e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), como a igreja, a escola, os sindicatos e, especialmente, os meios de comunicação. A partir destes conceitos formulados por Althusser sobre os mecanismos de dominação utilizados pelo Estado, podemos entender como se perpetuou esse domínio branco durante mais de 75 anos. No filme, é visível a utilização dos dois tipos de aparelhos para



sustentar o sistema *apartheid*. A sua ideologia foi difundida ao longo da história da África do Sul e reproduzia o ideal de vida da classe dominante.

A história apresenta os africânderes como um povo escolhido e colocado por Deus na ponta meridional da África para cumprir uma missão divina: a de trazer os povos 'bárbaros' à civilização. [...] Portanto a religião fundamenta a história, cria a nacionalidade africânder e determina a organização social e política da África do Sul. (LOPES, 1990, p.124).

Nesta passagem, observamos que havia dois mecanismos de aparelhos ideológicos na difusão da ideologia dominante na África do Sul. O primeiro mecanismo é o religioso, pois estabelece a noção de “povo escolhido por Deus”, evidenciando a superioridade dos africânderes sobre os demais, na sua “missão” civilizadora. O segundo mecanismo é a educação escolar como transmissora legítima dessa história, que, neste caso, é a história da “missão” dessa classe dominante – africânder – transmitida a todas as classes sul-africanas.

O Levante de Soweto de 1976 é um exemplo de como os Aparelhos Repressivos de Estado foram acionados contra os estudantes negros. Esta manifestação foi um protesto contra a imposição do “africâner” como língua vernácula nas escolas para negros, estabelecido pelo sistema educacional do governo racista. Isto revela a utilização da instituição educacional para manter o “status quo” da classe dominante, por meio do uso de um dos símbolos do dominador – a língua. Neste Levante houve um massacre de crianças e jovens, para punir a contra-resposta organizada e realizada pela classe dominada em uma passeata de protesto.

A política de segregação racial tirou dos negros os seus direitos políticos e mergulhou a África do Sul em uma de suas fases mais obscuras da história da humanidade. Todas as manifestações de indignação e protestos contra o sistema da parte dos negros sul-africanos eram violentamente reprimidas com prisões, torturas e até mortes dos líderes, como foi representado nas imagens de tortura sofrida por Sarafina e na morte da professora Mary Massambuko, mostrados no filme.

Soweto explodia. Dez mil estudantes negros marcham pacificamente para a escola onde a greve começara, onde se defrontaram com a policia, que utilizou gás lacrimogêneo. As crianças atiraram pedras, a policia revidou abrindo fogo e matando várias crianças que apenas queriam ter sua identidade respeitada em próprio país (SAMPSON, 1988, p.124)

A citação acima é mais um exemplo de método disciplinar aplicado pelo grupo dominante, por meio do aparato policial, que impõe a submissão e a hierarquização aos negros sul-africanos (FOUCAULT, 2003). Na escola, este método se propaga pelo discurso, com a distribuição de saberes que contemplem e privilegiem somente a história que reforça a superioridade dos brancos. Na população subalterna, a disciplina pode ser imposta por meio de métodos mais agressivos, como a constante vigilância, a prisão, os castigos físicos, a tortura e, em alguns casos, até a morte, a fim de corrigir os negros para torná-los dóceis e aceitar pacificamente as normas de um sistema opressor.

No filme, Sarafina passa pelos métodos disciplinares imposto pela escola, e também como os métodos disciplinares imposto na prisão. Na escola, Sarafina não se tornou dócil nem receptiva, mas na prisão, Sarafina, sofre a violência da tortura e quando sai frágil e humilhada da cadeia, ela apresenta um comportamento mais dócil. Se não foi possível disciplinar pelo discurso, o método mais agressivo de tortura na prisão impôs sua condição de submissão ao sistema *apartheid*. Entretanto, no filme, Sarafina ainda mantém vivo o seu sonho de ver o seu povo negro sul-africano valorizado como cidadãos, tendo os mesmos direitos e deveres garantidos aos brancos.

Os pesquisadores dos Estudos Culturais defendem a equiparação das diversas formas de conhecimento. Nessa linha teórica, não se pode estabelecer uma hierarquia entre as diferentes culturas, porque “todas as culturas são consideradas epistemologicamente e antropológicamente equivalentes, não se pode estabelecer nenhum critério pelo qual uma cultura pode ser julgada superior à outra” (SILVA, 2002, p. 86). Ou seja, nas relações étnico-raciais, a valorização de um determinado aspecto cultural e a desvalorização de outro é uma imposição ideológica.



ÁFRICA DO SUL E O APARTHEID LEGALIZADO

Os filmes selecionados permitem desenvolver uma análise da lógica da dominação na África do Sul no período em que havia um regime de segregação étnico-racial legalizado no país. Esses filmes denunciam a violência cometida pelos brancos sobre os negros e apresentam os discursos ideológicos que sustentaram oficialmente a separação e o tratamento desigual em relação ao povo sul africano, durante mais de 75 anos, baseado na cor da pele.

Magnoli (1998) argumenta que as leis do regime *apartheid* começaram a ser promulgada em 1911, porém só foram inseridas oficialmente na Constituição da África do Sul em 1948. A partir dessa data, institucionalizou-se o regime legislativo de segregação racial. Ao longo dos 40 anos seguintes, foram estabelecidas várias leis que promoveram e ampliaram a discriminação racial, exemplo disso é a lei básica do regime branco que definia as áreas de separação geográficas entre as categorias raciais – bairros étnicos ou os bantustões².

A separação espacial também era obrigatória em praias, transportes, piscinas, bibliotecas, banheiros públicos, teatros, e outros lugares públicos. Pereira (1985) diz que esse processo foi chamado de pequeno sistema *apartheid*, a partir daí tentou-se implantar o grande *apartheid*, que pretendia formar uma África do Sul totalmente branca. Dessa forma, os bantustões tornar-se-iam estados independentes e seus moradores passariam a ser cidadãos desses pequenos países, mas estrangeiros no restante do território sul africano, inclusive nas regiões onde os negros trabalhavam.

Com esta política, segundo Pereira (1985), os brancos conservavam 87% das melhores terras do território da África do Sul, deixando a população negra com aproximadamente 12,7% do território. Este regime atuava também sobre o convívio entre as raças, como a Lei de Matrimônio pelas quais as uniões mistas eram consideradas ilegais, Lei do Passe que controlava a movimentação da população negra pelas regiões da África do Sul.

³Guetos, lares negros, ou reservas tribais, em que população negra residia.



De acordo com Cornevin (1979) e Lopes (1990), quando se tratava do sistema educacional sul africano voltado para os negros, eles eram educados para ocupar a sua “posição na vida” que era de obediência e submissão. O sistema opressor na escola e a conformação com sistema político imposto pelo regime *apartheid* desencadeou o Levante de Soweto no ano de 1976. Um grupo de estudantes negros saiu em marcha pelas ruas para protestar contra a imposição da língua africâner nas escolas negras, considerada a língua do opressor pelos nativos sul africanos. A manifestação foi repreendida violentamente. No final de alguns dias de conflitos, foram computados mais de 100 mortos, mil feridos e muitos presos.

As leis impostas pela minoria branca para subjugar a população negra sul africana asseguravam os privilégios concedidos de acordo com a cor da pele. Magnoli (1998) argumenta que o sistema *apartheid* foi um dos regimes de discriminação mais cruéis de que se tem notícia no mundo. Ele vigorou na África do Sul de 1911 até 1990. Durante todo esse tempo esteve ligado à política do país. A antiga Constituição sul-africana incluía artigos que oficializava uma clara discriminação racial entre os cidadãos, apesar de os negros formarem a maioria na população. Cornevin (1979, p.19) diz que a “África do Sul é a única nação do mundo que inclui o racismo em sua Constituição e é também o único país em que a cor da pele determina inelutavelmente a categorização dos cidadãos na hierarquização social”.

Como fonte desta investigação, o filme *Sarafina – o som da liberdade* e *Um grito de liberdade* exibem uma representação da sobreposição de uma cultura à outra. Na narrativa desses filmes, o discurso hierarquizador privilegia o conhecimento eurocentrista em detrimento de outros conhecimentos formadores da cultura sul-africana. Segundo Silva (1999), os Estudos Culturais, porém, consideram a cultura como um campo de produção de significados, em que os diferentes grupos sociais situados em posições diferenciadas de poder lutam para preservar suas idéias e combater a padronização da identidade como se fosse única para toda sociedade. Por isso, é preciso questionar e desconstruir as narrativas que se perpetuaram em nossa sociedade e, conseqüentemente, nos conteúdos escolares.



Apesar da ação dos Aparelhos Ideológicos e Repressivos, a classe dominante não conseguiu manter durante todo o tempo sua supremacia ideológica sobre as classes dominadas. Com os genocídios resultantes das contradições entre as classes, mobilizaram uma intervenção internacional que desencadearam o fim do regime *apartheid*.

O atual presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, durante uma grande passeata que marcava os 25 anos do Levante de Soweto, declarou que a luta contra o racismo continua, porque o fim do regime *apartheid*, em 1994, não acabou com a miséria. Quase 30 anos depois dos bárbaros acontecimentos, Soweto é um bairro de uma grande cidade, onde também há casas luxuosas e mansões. Alguns de seus moradores ostentam riqueza, mas sabem o risco de se ter muito em um lugar onde muitos, nada têm, conforme afirma Jimmy, um de seus moradores:

O *apartheid* acabou, mas agora temos o *apartheid* econômico, em qualquer parte do mundo, argumenta Jimmy. Ele acredita que as mudanças mais profundas dependem das novas gerações. Temos a esperança de que nós vamos melhorar juntos - negros, brancos, amarelos. Agora, somos iguais perante a lei, e isso não é um sonho. (MAGNOLI, 1998 p.78).

Apesar do grupo dominante, de uma minoria branca, impor uma identidade de submissão à população negra sul africana, existiram vários movimentos de resistência¹. No entanto, as populações da África do Sul continuam marcadas pelo estigma da cor e pelas lembranças do sistema *apartheid* racial. Agora, a luta é contra o outro tipo de *apartheid*, o sistema do *apartheid* econômico.

¹ Congresso Nacional Africano, liderado por Nelson Mandela, questionava as leis de segregação impostas aos negros e o Movimento de Consciência Negra, liderada por Steve Biko, pretendia transformar o pensamento negro e extinguir o sentimento de inferioridade internalizado durante décadas de submissão ao poder branco.



Hall (1987) argumenta que a sociedade é um campo de luta, portanto, a nossa identidade é mutável e o processo de construção de identidade se expressa nos sistemas culturais que nos rodeiam. Uma identidade, portanto, não é imposta sem uma resistência, pois os indivíduos convivem com os conflitos sociais e culturais. A construção da identidade só é possível por causa desses sistemas culturais que nos rodeiam. No filme, há o momento em que Sarafina começa a desconstruir o discurso do grupo dominante e a valorizar sua própria cultura como formadora de sua identidade.

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

A partir de 1980, o ensino de história no Brasil foi reformulado em suas concepções teóricas e metodológicas, para servir de referência aos conteúdos que devem ser oferecidos na educação formal. Nessas reformulações, segundo Schmidt e Caineli (2004), os professores e os alunos devem ser tratados como sujeitos da história e da produção do conhecimento histórico. O objetivo é a formar o sujeito produtor da história, não mais o receptor passivo, o espectador de uma história de heróis que compõem os personagens dos livros didáticos.

Nas reformulações curriculares estão contempladas as discussões que questionam os conteúdos ensinados nos sistemas de ensino fundamental e médio e também na universidade. As novas diretrizes curriculares propõem uma formação do novo perfil de trabalhadores para atender às reais necessidades do mundo do trabalho, bem como as formulações para o exercício da cidadania crítica, reflexiva e formação ética.

A disciplina de História deve ser tratada como uma área de conhecimento que abrange a história de todos os homens, não somente a história dos heróis. Não é mais possível aceitar as narrativas com ênfase exclusiva na visão etnocêntrica. Schmidt e Caineli (2004) argumentam que as novas perspectivas da historiografia têm procurado as contribuições no seu interior, por meio das novas abordagens da história econômica, cultural e social. A análise do fato histórico é substituída por outras possibilidades, como a análise do processo histórico



e das experiências dos sujeitos na história, em busca de novos temas e novos objetos da História, como a história das mulheres, a história das crianças e a história dos movimentos sociais.

A historiografia tem buscado outras contribuições externas ao seu ramo, por exemplo: as contribuições que as “novas tecnologias” podem oferecer para melhorar a compreensão de um fato histórico estudado e/ou ensinado. No entanto, o grande número de recursos midiáticos a disposição da escola exige que o educador desenvolva uma metodologia de ensino para tornar frutífera a ação pedagógica com o uso dessas tecnologias.

Rocha (2002) afirma que na contemporaneidade, o ensino de história deve favorecer o desenvolvimento de raciocínios historicamente corretos, a aquisição da capacidade de análise da relação presente-passado; a apreensão da pluralidade de memórias, e não somente absorver as metanarrativas produzidas pelos grupos dominantes.

Concordamos com Porto (2000) quando afirma que o professor não deve mais se limitar a utilizar somente o quadro de giz. Para que o ensino de história possa alcançar amplitude exigida dela na atualidade, é necessária à formulação de novos métodos, a incorporação de novas tecnologias e suas linguagens midiáticas, como a análise de filmes e uso de informática. As escolas que têm uma visão emancipadora de educação procuram contribuir para construir uma sociedade mais justa e democrática, com a incorporação em seu currículo de diversos temas como: etnia, gênero, sexualidade, preconceito e outros considerados imprescindíveis para superação da hierarquia cultural de nossa sociedade.

Leite (2003) recomenda que o uso de filmes na educação escolar seja tratado como um elo para repensar a relação professor-conteúdo-aluno. Não caberá mais ao aluno assimilar o conteúdo do discurso dominante, mas com a mediação do professor, constituir a sua própria visão sobre a sociedade, para que professor e aluno desenvolvam as ferramentas necessárias para desconstrução e reconstrução da linguagem filmica, a fim de possibilitar a construção democrática do saber sistematizado.



Santomé (1995) afirma que a instituição escolar e a formulação de seus currículos têm presença marcante das culturas que denominamos de hegemônicas. O autor reitera que as culturas ou vozes dos grupos sociais “minoritários” e/ou marginalizados, que não dispõem de estruturas importantes de poder, costumam ser silenciadas e quando ouvidas, são de uma forma estereotipada e deformada, a fim de anular as possibilidades de reação.

Dentre os grupos sociais marginalizados pelo modelo capitalista de sociedade vigente estão os negros, os indígenas, as mulheres, os homossexuais, as pessoas com deficiências físicas ou psíquicas e todos os desprovidos de poder econômico que foram excluídos da sociedade do consumo. Neste sentido, propomos oferecer uma contribuição para formação de professores mais conscientes da necessidade de extirpar todo tipo de preconceito racial e a discriminação social. Pretendemos colaborar com aqueles que acreditam na coexistência enriquecedora dos diferentes grupos e na construção de uma sociedade em que cada grupo social é valorizado, sem sofrer nenhum tipo de preconceito.

Para contemplar e valorizar a cultura dos diversos sujeitos históricos, os Estudos Culturais entende que a escola deve ser um ambiente da diversidade cultural, a fim de preparar a sociedade para respeitar o diferente em relação à origem etno-racial, a opção sexual, as capacidades cognitivas e o status social. Silva (2002, p.102) alerta:

Não se pode estabelecer uma hierarquia, entre as culturas humanas, de que todas as culturas são epistemologicamente e antropologicamente equivalentes. Não é possível estabelecer nenhum critério transcendente pelo qual uma determinada cultura possa ser julgada superior a outra.

Na aurora do século XXI, a educação escolar tem uma função de extrema relevância para melhorar a situação social, econômica e cultural dos indivíduos, especialmente, o acesso da comunidade negra. No campo educacional, há uma lei que determina o respeito à diversidade cultural da sociedade brasileira. A comunidade escolar não pode mais aceitar que somente algumas culturas sejam contempladas nos currículos. É necessário abolir os privilégios, promover a valorização de cada indivíduo social, oferecer a oportunidade de apropriação de ferramentas básicas do conhecimento que permitem melhor



leitura das questões sociais. A democracia só é possível se for viabilizado um projeto de uma sociedade em que todos os seus membros são valorizados e incorporados ao currículo escolar. São conteúdos que propõem abolir a discriminação racial, imprescindíveis para a superação da hierarquia cultural.

Kellner (2001) afirma que a cultura veiculada pela mídia possibilita uma identificação com as pessoas, pois as imagens em movimento e os sons ajudam a forjar o tecido da vida cotidiana. Este universo midiático domina o tempo de lazer, modela opiniões políticas e comportamentos sociais.

Neste contexto, a escola não pode mais se comportar como a detentora do saber, a mídia está cada vez mais presente em nosso cotidiano e é o principal meio de transmissão de informações. Cabe aos pesquisadores da educação desenvolver uma metodologia de ensino com os recursos midiáticos em uma perspectiva crítica, a fim de atender a essa nova perspectiva de apropriação do conhecimento no ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

CONSIDERAÇÕES

O estudo ora apresentado buscou nos Estudos Culturais uma base teórica para analisar os filmes: *Um grito de liberdade e Sarafina o som da liberdade*, a respeito do discurso que justifica o preconceito racial e a discriminação social. O *apartheid* amparado no modelo de lei que dava supremacia ao homem branco sobre o negro, representou um período cruel de marginalização daquele que é diferente na identidade cultural e na cor da pele. Essa desigualdade de poderes e de direitos não possui uma origem natural, como foi pensado por teóricos que acreditavam na existência de sociedades humanas superiores às outras. Estas teorias partiram de uma construção social decorrente de representações ideológicas, com base em crenças e valores de um grupo dominante que busca manter a ordem social ou o ideal do *ethos* branco. Seu objetivo é sustentar as relações assimétricas e monopolizar as idéias e ações de um determinado grupo, para mantê-lo preso e dominado por esses conceitos, falseando a realidade, ocultando as contradições reais, construindo no plano imaginário um discurso



aparentemente coerente e a favor da unidade social. Parece haver interesse na transmissão de uma ideologia inferiorizadora, que objetiva dominar, dividir, eliminar, desculturalizar, embranquecer, a fim de perpetuar mitos e estereótipos negativos referentes à população negra.

O sistema *apartheid* representou um modelo de hierarquização cultural do homem branco europeu sobre o negro sul-africano. Por isso, a discussão sobre a segregação racial pode contribuir para viabilizar um ambiente que favoreça o reconhecimento e a valorização da cultura africana para história da humanidade e inserir maior visibilidade aos seus conteúdos até hoje negados pela cultura dominante. Esse tipo de ação contribui também para promover um conhecimento de si e do outro, em prol da reconstrução das relações raciais desgastadas pela hierarquização étnico-racial perpetuada no decorrer da história.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**: notas sobre aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1985.

BIKO, S. **Escrevo o que eu quero**. Trad. Grupo solidário São Domingos. São Paulo, SP: Ática, 1990.

CORVENIN, M. **Apartheid**: poder e falsificação histórica. Lisboa: Edições 70; UNESCO, 1979.

FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. Cultura africana no cinema: leitura crítica da imagem do racismo na formação de professores. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **Imagens da África do Sul no cinema**: contribuições da análise fílmica no ensino de história. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007. (Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.



- HALL, S. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política. Entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LEITE, S. F. **O cinema manipula a realidade?** São Paulo, SP: Paulus, 2003
- LOPES, M. M. **O apartheid: a ideologia do apartheid as perspectivas da África do Sul, as lideranças negras**. São Paulo, SP: Atual, 1990.
- LOPES, M. M.; PINSKY, J. **O apartheid: a ideologia do apartheid, as lideranças negras, as perspectivas da África do Sul**. 3. ed. São Paulo, SP: Atual, 1992.
- MAGNOLI, D. **África do Sul: o racismo como instituição conflitos internos e pressões externas o futuro da África do Sul**. São Paulo, SP: Contexto, 1998.
- PEREIRA, F. J. **Apartheid o horror branco na África do Sul**. São Paulo, SP: Brasiliense S.A., 1985.
- PORTO, T. M. Educação para a mídia: pedagogia da comunicação. In: PENTEADO, H. D. (Org). **Pedagogia da comunicação teorias e práticas**. São Paulo, SP: Cortez, 1998. p. 23-49.
- ROCHA, U. **História, currículo e cotidiano escolar**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- SAMPSON, A. **O negro e ouro: magnatas, revolucionários e o apartheid**. São Paulo, SP: Companhias das Letras, 1988.
- SANTOMÉ, J. T. Culturas silenciadas. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 58-74
- SARAFINA: **O SOM DA LIBERDADE**. Diretor Darell Roodt. Distribuído por Warner Bros e Time Warner Entertainment Company, E.U.A, 1993.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo, SP: Scipione, 2004.
- TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática**. Maringá: Eduem, 2006.



THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2001

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo, SP: Summus, 1997

UM GRITO DE LIBERDADE. (Cry Freedom). Diretor Richard Attenborough. Distribuído por Universal Home Vídeo, EUA, 1987.

Delton Aparecido Felipe

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (2006); Atualmente é mestre em Educação pela mesma universidade, com pesquisas relacionadas ao uso das tecnologias de informação e comunicação para o ensino da história afro-brasileira e africana.
E-mail: ddelton@gmail.com

Teresa Kazuko Teruya

Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá – PR; Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Informática Aplicada à Educação – GEPIAE -
<http://www.dtp.uem.br/gepiaie/>
E-mail: tkteruya@gmail.com

Recebido em: 08/04/2009
Publicado em: 23/12/2009